



**FACULDADE DE CIENCIAS DO DESPORTO E DA EDUCAÇÃO FISICA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

Helder Filipe Henriques Ribeiro

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA  
ESCOLA EB 2/3 INFANTE D. PEDRO, BUARCOS NA TURMA DE 8ºB NO  
ANO LECTIVO 2012/2013**

**COIMBRA  
2013**

**HELDER FILIPE HENRIQUES RIBEIRO**

**2010104223**

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA  
EB 2/3 INFANTE D. PEDRO, BUARCOS NA TURMA DE 8ºB NO ANO LECTIVO  
2012/2013**

Relatório Final apresentado à Faculdade  
de Ciências do Desporto e Educação  
Física da Universidade de Coimbra, com  
vista à obtenção do grau de Mestre em  
Ensino da Educação Física nos Ensinos  
Básico e Secundário.

**Orientador:** Professor Doutor Luís  
Manuel Pinto Lopes Rama

**COIMBRA**

**2013**

Esta obra deve ser citada como:

Ribeiro, H. (2013). *Relatório de Estágio*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

## **Agradecimentos**

A concretização deste trabalho não teria sido possível sem a participação, o apoio e o incentivo de várias pessoas, por isso quero deixar aqui uma palavra de agradecimento:

À minha esposa que sempre me apoiou em todo o trajecto principalmente nas alturas mais difíceis e complicadas.

Aos meus pais e tia, por tudo aquilo que fizeram e fazem por mim, pela minha felicidade e pelo meu sucesso. Sem eles, não teria conseguido chegar até aqui.

Ao professor Joaquim Parracho Alves, pela orientação e constante disponibilidade, assim como pelo seu incentivo e auxílio na procura incansável do sucesso. Um muito OBRIGADO.

Ao Professor Doutor Luís Rama, pelo trabalho de orientação, e pela disponibilidade demonstrada.

Aos meus colegas de Estágio Diogo Marques e Rui trovão, e Diana Peres, pelo tempo passados juntos, formando uma boa equipa de trabalho e sempre com o intuito de nos ajudarmos para o êxito.

À Escola Secundária EB 2/3 Infante D. Pedro, Buarcos Figueira da Foz, pela oportunidade concedida para a realização do meu Estágio.

E a todos os que de algum modo me apoiaram na realização deste Estágio.

A todos o meu sincero OBRIGADO.

## RESUMO

Este documento surge no âmbito do estágio pedagógico, do curso de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensino Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, como um momento fundamental no processo de formação de um professor, associado a factores importantes a ter em conta na formação profissional de qualquer docente, através do contacto directo com uma realidade de ensino. Neste relatório, será feita uma profunda reflexão de todo o caminho percorrido desde o início até ao final do ano lectivo. De forma concisa, sucinta e objectiva, pretende-se descrever os aspectos fundamentais inerentes ao estágio, nomeadamente, a concretização dos objectivos, os problemas verificados e as estratégias utilizadas para os ultrapassar, bem como os aspectos que o constituíram. Deste documento consta também uma reflexão que engloba todo o trabalho individual e de grupo desenvolvido ao longo do ano lectivo, uma perspectiva pessoal do estágio e um compromisso para o futuro, com o propósito de continuar a melhorar. O estágio assume assim um papel fundamental na formação dos futuros profissionais do ensino da educação física. As aprendizagens realizadas ao longo deste ano foram imensas e todas elas irão ter grande importância e utilidade num futuro próximo. Por fim, permanece a certeza de um longo caminho ainda por percorrer nesta etapa que ainda agora se inicia.

**Palavras-chave:** Ensino, Aprendizagem, Estágio Pedagógico, Educação Física, Sociometria.

## **ABSTRACT**

This document comes within the teaching practice, the Master course in Teaching Physical Education in Elementary and Secondary Education, Faculty of Sport Sciences and Physical Education, University of Coimbra, as a key moment in the formation of a teacher, associated with important factors to take into account in any teacher training, through direct contact with a reality of teaching. In this report, will be a deep reflection of the entire path from the beginning to the end of the school year. Concise, succinct and objective, we intend to describe the fundamental aspects to the stage, including the achievement of the objectives, the problems encountered and strategies used to overcome them, as well as the aspects formed. This document is also a reflection that encompasses the entire individual and group work developed throughout the school year, a personal perspective of the stage and a commitment to the future, in order to continue to improve. The stage thus assumes a key role in training future professionals in the teaching of physical education. The knowledge acquired during this year were huge and they all will have great importance and usefulness in the near future. Finally, the certainty remains a long way still to go in this stage that even now begins.

**Keywords:** Teaching, Learning, Internshi, Physical Education, Sociometry.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	IV
ABSTRACT .....	V
2 - Expectativas iniciais .....	5
3 - Realidade escolar encontrada.....	7
3.1 - Escola e recursos materiais.....	7
3.2 - O corpo docente .....	7
3.3 - O Departamento de Educação Física .....	8
3.4 - O professor orientador da escola.....	8
3.5 - O professor orientador da faculdade.....	9
3.6 - O núcleo de estágio .....	9
3.7 - A turma do 8º B.....	10
4 - Descrição das actividades desenvolvidas.....	11
4.1 - Planeamento.....	11
4.1.1 - Plano anual.....	12
4.1.2 - Unidades didácticas.....	13
4.1.3 - Plano de aula .....	14
4.2 – Realização .....	15
4.3 – Avaliação.....	17
4.3.1 - Avaliação diagnóstica .....	18
4.3.2 - Avaliação formativa.....	18
4.3.3 - Avaliação sumativa .....	19
4.4 - Componente ético-profissional.....	20
4.5 - Justificação das opções tomadas .....	20
5 - Tema problema .....	23
5.2. - Metodologia .....	25
5.2.1. – Amostra.....	25
5.2.2 – Teste sociométrico .....	27
5.3 – Apresentação de resultados.....	28
5.4 – Análise de resultados.....	45

5. 4.1 - Índices individuais.....	45
5.5 – Considerações finais acerca do estudo sociométrico .....	48
5.6 - Recomendações / Estratégias a adoptar .....	50
6 – Reflexão/Conclusão .....	52
7 – Bibliografia.....	55
8 – Anexos .....	58

### **Índice de Quadros**

Quadro 1.....	29
Quadro 2 .....	31
Quadro 3 .....	33
Quadro 4 .....	35
Quadro 5 .....	37
Quadro 6.....	39
Quadro 7.....	41
Quadro 8 .....	43
Quadro 9 .....	46
Quadro 10.....	47
Quadro 11.....	51

### **Índice de Gráficos**

Gráfico 1.....	30
Gráfico 2 .....	32
Gráfico 3 .....	34
Gráfico 4.....	36
Gráfico 5 .....	38
Gráfico 6 .....	40
Gráfico 7 .....	42
Gráfico 8 .....	44

## 1 - Introdução

O relatório surge no âmbito do estágio pedagógico, referente ao Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

A criação de um núcleo de estágio na escola em que me inseri, Escola EB 2/3 Infante D. Pedro, Buarcos Figueira da Foz, permitiu a efectivação desta unidade curricular, juntamente com três colegas (professores estagiários) na mesma situação académica.

Esta unidade curricular contou com a supervisão de dois orientadores, um Orientador da Universidade de Coimbra e um Orientador Cooperante da Escola EB 2/3 Infante D. Pedro, Buarcos.

O estágio pedagógico é uma unidade curricular que habilita profissionalmente o professor de Educação Física a desempenhar a sua actividade profissional desde o 1º Ciclo do Ensino Básico até ao Ensino Secundário, e insere-se na componente de formação de iniciação à prática profissional. Esta desenvolveu-se ao longo dos dois semestres lectivos do 2º ano deste ciclo de estudos, onde existem vários objectivos a atingir, os quais se relacionam principalmente, com as competências a adquirir pelo professor estagiário no ensino da disciplina de Educação Física. De entre essas competências surge o carácter reflexivo, de constante investigação e interrogação que o professor deve ter perante todas as situações com que se depara. É por esse motivo que este relatório terá, em toda a sua extensão, uma abordagem reflexiva que possa ser efectivamente fundamentada com base em bibliografia científica pertinente.

A minha intervenção foi efectivada numa turma do 3º Ciclo do Ensino Básico, mais especificamente, a turma B do 8º Ano de escolaridade.

O trabalho efectuado, exigiu sempre uma reflexão e uma atenção cuidada pelo que tinha sido desenvolvido ao longo da aula, proporcionou debates importantes com diferentes pontos de vista entre os colegas de estágio e o

Professor Orientador, contribuindo para uma experiência bastante enriquecedora na condução do ensino, assim como em todos os restantes aspectos.

Tal como definido no calendário escolar do ano lectivo de 2012/2013, o início do mesmo foi determinado para a terceira semana de Setembro, e como tal a nossa intervenção foi encetada nesse mesmo momento. No dia 17 de Setembro foram realizadas as apresentações às turmas que iríamos leccionar, tendo as aulas o seu início efectivo nesse mesmo dia. Para efeitos académicos a intervenção teve o seu término no dia 15 Maio de 2013, apesar de termos mantido todas as nossas funções na escola até ao final do ano lectivo (14 de Junho).

Em termos gerais, este relatório fará uma síntese sobre todo o trabalho efectuado ao longo do ano, uma abordagem conclusiva e reflexiva daquilo que foi a experiência ocorrida e das aprendizagens assimiladas ao longo do ano lectivo. O relatório englobará ainda, um estudo sociométrico da turma B do 8º Ano.

## 2 - Expectativas iniciais

As primeiras experiências são sempre as mais marcantes em qualquer etapa das nossas vidas. A experiência de leccionar pela primeira vez no 3º ciclo não foge à regra, de tal forma que foi com alguma ansiedade e expectativa que vivi os primeiros momentos deste estágio.

O estágio é um elemento de grande relevância no âmbito do curso, porque chega o momento em que vamos por em prática todo um conjunto de bases teóricas aprendidas ao longo do mesmo. Senti alguma ansiedade antes de começar, de aprender e de passar por esta experiência de Professor de Educação Física.

A experiência de leccionar, é algo com a qual já estava minimamente familiarizado por trabalhar com crianças, jovens e adultos há 6 anos, quer como Professor de Actividade Física e Desportiva nas Actividades de Enriquecimento Curricular, quer como treinador de futsal, natação e actividades de grupo. Estas experiências profissionais, deram-me algum conforto para iniciar esta etapa.

As minhas expectativas eram elevadas, apesar de, com o tempo e com as mudanças do ensino em Portugal, ter perdido algum entusiasmo. Sou uma pessoa que não desiste e estou sempre pronto a aprender e a melhorar com os meus erros e dificuldades, por isso defini vários objectivos a alcançar neste período de estágio, que vão desde a valorização das minhas competências conceptuais, pedagógicas, contextuais e habilidades de ensino, bem como da minha autonomia e integração no quadro complexidade das funções de professor.

As questões que me preocupavam eram: Seria eu capaz de aplicar na prática todo o conhecimento de nível científico e pedagógico, que tinha adquirido ao longo destes anos de formação? Teria eu capacidade de criar uma boa relação com os alunos, motivando-os para a aula, e conseguindo transmitir os conhecimentos de forma clara e precisa, de modo a que fossem satisfatoriamente assimilados por eles, contribuindo assim para o seu desenvolvimento motor, cognitivo e sócio afectivo?

Esperava, conseguir estabelecer, correctamente, um elo entre a teoria e a prática, aplicando, consolidando e aprofundando os conhecimentos adquiridos na

formação inicial. Formação inicial, que não se aplica só ao conhecimento adquirido com o 1º Ano lectivo deste Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, mas também com uma Licenciatura em Desporto Actividade Física e Lazer da Escola Superior de Educação de Beja e com todas as formações e cursos que fui adquirindo ao longo do tempo.

Deste modo, pretendia concluir o ano lectivo com muitos conhecimentos adquiridos, assim como adquirir e desenvolver cada vez mais a capacidade de decisão e reflexão, dando deste modo um passo extremamente importante para que no futuro pudesse continuar a desenvolver a minha profissão com competência e profissionalismo.

Quanto ao relacionamento com os alunos da minha turma, um dos meus principais objectivos seria estabelecer, desde o início, uma relação positiva de forma a facilitar todo o processo ensino-aprendizagem, assim como elevar e manter os seus níveis motivacionais. Um objectivo fundamental da Educação Física é promover a emancipação dos alunos. É necessário criar-lhes condições para o desenvolvimento da condição física, das habilidades necessárias para a prática de um conjunto diversificado de actividades físicas, incutir-lhes o gosto pela prática desportiva regular, reconhecer as implicações da mesma e usufruir do conhecimento adquirido. Cabe então ao professor de Educação Física, incutir-lhes o gosto pela prática de actividade física, usufruindo assim de um estilo de vida saudável.

Em relação ao orientador da Escola (Professor Joaquim Parracho Alves), esperava vir a encontrar um professor experiente, com um conhecimento concreto da realidade escolar, com a capacidade de resolver problemas e com o conhecimento profundo do que é ser Professor.

Relativamente ao orientador universitário (Professor Luís Rama), tinha a consciência que seria alguém que viria supervisionar o meu percurso ao longo do ano.

Esperava um ano de grande progresso neste meu percurso de aprendizagem, mas também extremamente exigente e trabalhoso.

### **3 - Realidade escolar encontrada**

#### **3.1 - Escola e recursos materiais**

Ao escolher a Escola EB 2/3 Infante D. Pedro, Buarcos, não tinha a menor ideia acerca da realidade da mesma. Fiz a minha escolha tendo em conta a distância a que a escola se situava da minha área de residência algo que facilitaria a minha vida dado ter de conciliar a escola com o trabalho.

Relativamente aos espaços desportivos disponíveis, a Escola EB 2/3 Infante D. Pedro, Buarcos, apresenta ótimas condições espaciais para a prática da Educação Física, permitindo a leccionação de uma grande diversidade de modalidades. A existência de recursos materiais, quer em quantidade, quer em qualidade, revelou-se um factor potenciador para a intervenção pedagógica.

A escola, comporta um pavilhão polidesportivo coberto com capacidade para abordar modalidades como futsal, andebol, voleibol, atletismo, badmínton, ténis, entre outras, uma sala de ginástica equipada, com possibilidade de abordar ainda outras modalidades, e dois campos exteriores com balizas, tabelas, caixa de saltos e pista de corridas.

#### **3.2 - O corpo docente**

Escola EB 2/3 Infante D. Pedro, Buarcos, possui um grande número de professores com uma vasta experiência profissional, aos quais reconheço largamente competência e profissionalismo, o que lhes concede um estatuto importante, no entanto senti sempre uma postura que mostrava receptividade a novas ideias principalmente do professor orientador Joaquim Parracho.

No primeiro dia em que estive na escola, e que tive o primeiro contacto com o ambiente que nesta se vivia, apercebi-me que existia sem dúvida um clima agradável e de boa disposição. Estabelece-mos contacto com grande parte dos

funcionários e com alguns professores de entre os quais se destacam os elementos da Direcção da Escola.

Quero desde já deixar o meu apreço a todos os funcionários com que lidei que sempre se dirigiram a mim com a maior cordialidade, demonstrando inteira disponibilidade para ajudar no que fosse necessário, destaco as funcionárias do pavilhão que foram inexcelíveis e muito simpáticas.

### 3.3 - O Departamento de Educação Física

O Departamento de Educação Física da Escola EB 2/3 Infante D. Pedro, Buarcos, é constituído por quatro professores de Educação Física e por quatro estagiários.

Sendo eu estagiário, nunca me senti como elemento preterido, pelo contrário sempre houve uma boa integração, bem como um grande esforço por parte dos restantes professores para que esta experiência fosse o mais positiva possível.

Todos os professores com que lidei no Departamento de Educação Física se mostraram prestáveis e disponíveis para ajudar em algo que fosse preciso.

### 3.4 - O professor orientador da escola

O Professor Joaquim Parracho Alves, aquando do primeiro contacto, pareceu-me algo “frio”, contudo após esse primeiro impacto revelou-se extremamente acessível e com uma disponibilidade incansável para me ajudar, mas também bastante rigoroso e exigente. Com ele aprendi imenso ao longo do ano, sendo também um esteio com o qual pude sempre contar.

O professor deu-me liberdade para ir construindo o meu caminho sempre apoiando e nunca me forçando, fazendo-me pensar qual seria a melhor escolha debatendo todos os assuntos que pudessem ocorrer.

As críticas que fazia eram sempre construtivas e pertinentes e tinham como finalidade a minha evolução.

Foi sem dúvida alguma, uma das pessoas que mais contribuiu para o meu desenvolvimento como professor de educação física.

Ao longo do ano fui estabelecendo com o professor não só uma relação de trabalho, mas também uma relação de amizade, baseada no respeito, confiança e companheirismo.

O acompanhamento do Professor Joaquim Parracho Alves foi extremamente positivo e eficaz para a minha aprendizagem e evolução no rumo à carreira docente.

### 3.5 - O professor orientador da faculdade

O Professor Luís Rama foi para mim uma agradável surpresa, pois não o conhecia e estava à espera de um professor mais formal e menos próximo, mas pelo contrário revelou-se uma pessoa bem próxima procurando sempre motivar-me e apresentar-me críticas construtivas revelando os meus pontos mais fracos, apresentando-me sugestões para que pudesse melhorar.

Desde o primeiro contacto que o professor se revelou disponível e atencioso, sempre disposto a ajudar ou a esclarecer qualquer dúvida.

### 3.6 - O núcleo de estágio

O núcleo de estágio constituído por mim e pelos colegas, Diogo Marques, Rui Trovão e Diana Peres tentou sempre cooperar da melhor forma com todo o tipo de trabalho para o estágio pedagógico.

Num grupo ou equipa existem divergências e caminhos distintos a seguir, no entanto considero que sugestões diferentes nos enriqueceram a todos preparando-nos para o futuro.

### 3.7 - A turma do 8º B

Cada estagiário ficou encarregue de uma turma de 8º Ano.

Acordamos entre todos os estagiários e sem oposição do Professor Joaquim Parracho Alves que as turmas seriam escolhidas tendo em conta que eu e o Estagiário Diogo Marques teríamos de conciliar a escola com o trabalho, como tal ficamos com as turmas do horário da manhã.

Deste modo, foi-me atribuída a turma do 8ºB, constituída inicialmente por 16 alunos (8 rapazes e 8 raparigas). Uma turma com alguns problemas comportamentais, dois alunos com necessidades educativas especiais e dois alunos de currículo especial individualizado. Posto isto era exigido “pulso forte”, paciência e compreensão.

Uma das dicas dadas pelo orientador foi a de me impor desde o início, e assim fiz, esclareci muito bem as regras e fui intransigente na aplicação das mesmas, de modo controlar a turma.

Este aspecto foi muito importante pois a turma apresentava alunos com um historial comportamental delicado. Algo que inicialmente me deixou apreensivo. De facto no primeiro período existiram alguns comportamentos menos próprios mas que fui prontamente corrigindo chegando ao final do ano com uma turma muito diferente, mais organizada, melhor comportada e mais rigorosa, também aqui a minha evolução como professor foi extremamente importante, pois julgo que à medida que ia ficando mais confiante também os alunos me compreendiam melhor e as aulas fluíam com uma maior dinâmica.

## **4 - Descrição das actividades desenvolvidas**

### **4.1 - Planeamento**

O Plano Anual de Turma constitui um elemento de planeamento central, e simultaneamente determinante, no desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem eficaz, pois de uma planificação com esta tipologia, irão surgir as grandes linhas condutoras que irão nortear o ano lectivo na sua globalidade.

Como tal, o planeamento do ano lectivo e de tudo aquilo que diz respeito à disciplina da Educação Física, foi iniciado ainda antes do início das aulas. A pesquisa bibliográfica sobre temáticas que ainda não se encontravam bem clarificadas foi efectuada nesta fase inicial, com o intuito de compreender e conhecer todos os assuntos que iriam ser alvo das minhas funções.

Segundo o Plano Nacional de Educação Física (2001), o plano anual de turma representa para o professor uma opção em que este selecciona e aplica processos distintivos para que todos os alunos atinjam as competências prioritárias das matérias em cada ano e prossigam em níveis mais aperfeiçoados, consoante as suas aptidões.

É com este objectivo que surge o plano anual de turma, sendo de extrema importância na realização de uma planificação adequada do ano lectivo, ficando assim facilitados os processos de ensino aprendizagem futuros.

Obviamente que não é um percurso linear ou inalterável mas serve de guia e orientação aos acontecimentos que irão ocorrer ao longo do ano. Este processo sofrerá uma constante evolução ao longo das aulas e será igualmente alvo de adaptações e ajustamentos.

O plano anual deverá ter ainda em linha de conta, os já referidos Programas Nacionais da Educação Física e também o Projecto Educativo da Escola.

Com a autonomia que as escolas e os seus Departamentos de Educação Física têm no currículo e nos conteúdos a leccionar, o passo seguinte a realizar foi a aquisição de conhecimentos sobre a realidade da escola e também sobre as opções

tomadas pelo respectivo Departamento de Educação Física. Estas informações foram bastante úteis e basearam-se em assuntos como a rotação de espaços, o tipo de planeamento realizado, a forma de avaliação dos alunos, a composição curricular das turmas, unidades didácticas a leccionar, etc..

No que respeita ao tipo de planeamento realizado, o Departamento de Educação Física da escola define um modelo comum, de leccionação por blocos.

Tendo assim uma rotação de espaços perfeitamente definida e as matérias também já definidas nos espaços e no tempo.

#### 4.1.1 - Plano anual

A construção do plano anual de turma foi feita com base na rotação de espaços, nas matérias que iríamos abordar, nas características da turma.

Segundo Bento (2003, p. 67), *“a elaboração do planeamento anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino e traduz, sobretudo, uma compreensão e domínio aprofundado dos objectivos de desenvolvimento da personalidade, bem como reflexão e noções acerca da organização correspondente do ensino no decurso de um ano lectivo.”*

Assim, na definição do planeamento anual perfilou-se um sistema de prática por blocos.

Esta prática permite um maior conhecimento dos elementos da aprendizagem, devido ao maior tempo disponível para a retenção da informação. Mas na minha opinião este sistema tem algumas desvantagens, como o risco de provocar saturação por prática constante de uma modalidade individual ou colectiva, alunos que não gostem de determinadas modalidades podem desmotivar durante um grande período, por outro lado apenas voltaremos a leccionar essa modalidade passado um ano.

A preparação dos documentos referentes aos níveis de ensino fora ao longo do ano sofrendo um processo de aperfeiçoamento e sistematização.

A preparação do ano lectivo começou com a realização do planeamento anual, elaborado com base no Programa de Educação Física, nas características da

turma, na avaliação diagnóstica e nos recursos espaciais e materiais. O objectivo foi ampliar um conjunto de meios apoiados em saberes científicos, moldados à realidade da escola e dos alunos da turma delineando um plano de acção. Depois de uma abordagem mais geral, o planeamento anual, tem que estar de acordo com as unidades didácticas e os planos de aula.

Desta forma iniciou-se o ano com seis unidades didácticas previstas, atletismo, basquetebol, voleibol, badmínton, ginástica, e andebol, contudo o meu planeamento sofreu uma alteração em relação à unidade didáctica final que passou a ser futsal, o que prova tal como referi anteriormente que o planeamento é algo flexível.

#### 4.1.2 - Unidades didácticas

As unidades didácticas que são elaboradas inicialmente e contêm um acumulado de informação, vão sendo resumidas. Com o avançar do tempo, o seu conteúdo vai sendo cada vez mais sintético e relevante, constituindo-se num documento determinante no planeamento.

A elaboração da unidade didáctica refere-se ao planeamento específico de todo o processo de ensino-aprendizagem de uma determinada modalidade, de modo a que sejam desenvolvidos e alcançados os objectivos pretendidos.

Este documento é flexível, ou seja, permite um ajustamento às evoluções apresentadas pelos alunos ou outras situações que possam surgir.

Com a definição dos objectivos já realizada, é exposto no documento um conjunto de progressões pedagógicas, possíveis de aplicar nas aulas, para o desenvolvimento dos diversos conteúdos.

Na planificação da unidade é necessário que o professor esteja ciente dos factores que o rodeiam, fazendo com que este documento não seja um documento fechado mas sim um documento em constante actualização. Para tornar o documento mais completo é essencial que o professor seja o seu primeiro a crítico e

faça uma reflexão diária do seu trabalho tendo em conta os objectivos propostos, os objectivos atingidos e a capacidade de reajustar estratégias de ensino.

Posso dizer com toda a certeza que a construção das unidades didácticas teve uma influência determinante no meu percurso ao longo do ano, pois serviu como plataforma para adquirir conhecimentos e transmiti-los aos alunos, expor progressões que seriam necessárias para atingir determinados fins, e determinar a forma de avaliação e objectivos pretendidos. As unidades didácticas tiveram ainda a função de me obrigarem a instruir, a estudar, e a pesquisar, para poder apresentar o melhor planeamento de aula possível aos meus alunos.

No entanto como atrás foi descrito algumas situações tiveram de ser corrigidas. No caso da extensão e sequenciação de conteúdos, nem sempre correu da forma prevista, algumas vezes porque os alunos não tinham atingido determinado patamar para adquirir novos conteúdos ou porque simplesmente a evolução dos alunos não era aquela que eu teria imaginado.

#### 4.1.3 - Plano de aula

O plano de aula constitui o último documento do planeamento, que dará continuidade ao planeamento anual e às unidades didácticas. Dentro da unidade didáctica cada aula tem os seus objectivos e conteúdos essenciais definidos.

Para Bento (1987), uma boa aula é importante, pois trata-se do ponto de convergência entre o pensamento e a acção do professor. Os planos de aula consideram-se como as tarefas mais específicas e minuciosas desta actividade, onde existem vários cuidados necessários a ter no momento da sua elaboração.

Segundo Matos (1992, citado por Gomes & Matos, 1992), o plano de aula deve conter a organização das situações de aprendizagem, de um modo coerente, incorporando as decisões tomadas, tendo em conta os alunos e a matéria de ensino, com as suas potencialidades educativas no cumprimento das exigências didáctico-metodológicas fundamentais.

No plano de aula está presente a função didáctica, os objectivos da aula, os recursos materiais, a descrição das tarefas, os objectivos específicos da tarefa, os critérios de êxito, as componentes críticas da tarefa e o tempo de cada tarefa.

Os planos de aula durante o ano lectivo foram estruturados em três momentos distintos: parte inicial, parte fundamental e parte final. A parte inicial continha a transmissão de informação inicial, onde constava a apresentação da aula, referência aos objectivos, tarefas a realizar e as componentes críticas fundamentais a ter em conta na realização dos exercícios, e o aquecimento. Procurei sempre efectuar um aquecimento específico em relação à modalidade em questão.

A parte fundamental era caracterizada pela exercitação dos conteúdos propostos para a aula e era o momento mais longo da aula.

Na parte final da aula constava o retorno à calma uma síntese do que se tinha passado na aula, aspectos a melhorar e a ponte com a aula seguinte.

O plano de aula serviu como um fio condutor, um apoio, contudo em muitos casos teve de ser alterado, ou porque demorei mais tempo que o previsto em algum exercício, ou porque na altura achei que seria melhor alterar determinado exercício pois não estava a resultar, ou ainda porque a formação de grupos ou organização estava desajustada.

Em suma o plano de aula é algo bastante importante para poder estruturar a aula, saber precisamente que conteúdos devo transmitir e a forma como transmitir. O plano de aula tem de ser algo flexível, pois é um guia e caso algo não esteja a correr como esperado julgo que deve ser alterado em prol do bom funcionamento e da aprendizagem dos alunos.

#### 4.2 – Realização

Segundo Siedentop (1998), o docente eficaz é o que consegue utilizar estratégias que consigam manter os seus alunos empenhados de forma a atingir o objectivo, sem que o professor seja obrigado a recorrer a estratégias educativas para os manter em actividade.

No processo de ensino a realização surge quando existe a intervenção pedagógica do professor e a aprendizagem por parte dos alunos. É na fase da realização que a teoria e toda a planificação são postas em prática.

A distinção dos docentes de educação física dos meros planeadores de actividades físicas é vista no momento da intervenção pedagógica. Um bom plano de aula por si só não garante que o professor atinja os objectivos pretendidos para aula.

Logo, no processo ensino-aprendizagem a intervenção pedagógica assume um papel extremamente preponderante.

Na organização da aula, tentei abranger a diversidade de desempenhos que se verificavam na turma com situações de variadas exigências. A minha circulação pelo espaço de aula, foi realizado com a preocupação constante do controlo visual sobre a turma, com algumas chamadas de atenção em relação às posturas e atitudes menos correctas dos alunos.

Em relação à utilização dos feedbacks para uma melhor aprendizagem por parte dos alunos empreguei diversos tipos, tendo-se destacados os feedbacks demonstrativos e os interrogativos. Na sua utilização tive sempre o cuidado de transmitir os feedbacks o mais contextualizados possíveis, evitando desta forma meras observações ocasionais sem fundamento para os objectivos da aula, estes foram na sua maioria positivos para estimular e aumentar os níveis de confiança dos alunos com mais dificuldades e com menor auto-estima.

A gestão do tempo, foi de modo geral bem conseguida, algumas vezes tive de ajustar os exercícios em relação ao que estava planeado mas sem quebrar a dinâmica das aulas. Procurei que as transições de exercícios fossem fluidas, sem grandes quebras, e de maneira organizada, por forma a conseguir o máximo empenhamento motor por parte dos alunos.

Consegui sempre chegar mais cedo e organizar todo o material necessário para o decorrer da aula, de forma a tentar rentabilizar todo o tempo disponível.

Procurei utilizar diversas estratégias ao longo do ano, uma delas passou por juntar alunos com mais dificuldades com alunos mais evoluídos, procurando assim um comprometimento de todos na evolução e aprendizagem. Julgo que esta

estratégia foi extremamente eficaz quer pela evolução dos alunos mais fracos quer pelo empenho e responsabilização dos alunos mais evoluídos.

Outra das estratégias passou por em algumas modalidades juntar pares mistos caso de futebol e voleibol, dado que geralmente nestas modalidades os rapazes são mais evoluídos.

No caso do badminton optei por seguir um caminho de sequências técnicas evitando assim a desmotivação dos alunos, e após abordar todos os gestos técnicos segui a sugestão do professor Joaquim Alves de realizar um torneio masculino e outro feminino nas aulas. De facto a competição fê-los evoluir de uma forma incrível, o maior problema neste caso foi o de ter alguns elementos que não lidavam muito bem com a derrota, como tal aproveitei e introduzi júris, que no final dos jogos atribuíam pontuação aos jogadores, contando essa pontuação para a classificação final do torneio.

#### 4.3 – Avaliação

Como nos diz Ribeiro (1999), a avaliação pretende acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu percurso de aprendizagem, identificando o que já foi conseguido e o que está a levantar dificuldades, procurando encontrar as melhores soluções. A avaliação funciona como um instrumento de controlo do processo ensino-aprendizagem e pelo que nos diz Nobre, P. (2011), a avaliação serve para aprender. Esta comprova até que ponto o processo é bem efectuado, ao nível do desempenho, comportamento e evolução dos alunos. Através da avaliação, analisam-se e determinam-se as causas do sucesso ou insucesso e as necessidades do seu reajustamento, para que se possam alcançar os objectivos formulados inicialmente.

A avaliação é contínua e ajuda-nos a retirar inúmeras conclusões. Para uma avaliação promotora e reguladora da qualidade de ensino e da aprendizagem dos alunos, recorreremos (núcleo de estágio) a diferentes momentos da avaliação contínua: Avaliação Diagnóstica, Formativa e Sumativa.

#### 4.3.1 - Avaliação diagnóstica

Para Ribeiro (1999), a avaliação diagnóstica pretende averiguar a posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, no sentido de prevenir dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes. A avaliação diagnóstica é o primeiro momento de avaliação efectuado; é uma ferramenta que permite ao professor o conhecimento do nível da sua turma, de modo a definir o planeamento mais adequado de acordo com as capacidades motoras, as habilidades técnicas e desenvolvimento cognitivo dos alunos.

No início de cada unidade didáctica, foi realizada uma avaliação diagnóstica para averiguar o nível da turma em cada matéria. Foi constatado o nível inicial de cada aluno, de modo a desenvolver um processo de aprendizagem adequado. O instrumento utilizado foi uma ficha de observação baseada no registo de ocorrência dos principais critérios de êxito da modalidade em questão. Em algumas modalidades a prestação dos alunos exigia de facto muito trabalho, casos da ginástica, voleibol, basquetebol.

#### 4.3.2 - Avaliação formativa

A avaliação formativa pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes trazer solução, (Ribeiro, 1999).

Para Rosado (1999), a avaliação formativa é uma acção de acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem de forma regular. Decorre ao longo de todo o processo de aprendizagem, em que o Professor avalia, com recurso à observação directa, a evolução dos comportamentos ao longo do tempo. Serve para ter noção não só do comportamento dos alunos, mas também para reajustar a sua intervenção didáctica, no sentido de optimizá-la e levar a um enriquecimento da unidade

didáctica previamente traçada. Deverá ser realizada de forma contínua, coerente e global.

A avaliação formativa levada a cabo por mim surgiu sensivelmente a meio da unidade didáctica, e serviu para dar a conhecer aos alunos a sua evolução, o que teriam de melhorar para atingir determinados objectivos, onde estavam com maiores dificuldades e qual a sua evolução do início da unidade didáctica até ao momento.

Para mim esta avaliação tem também como objectivo ter a noção exacta do que os alunos aprenderam, e se a forma como estava a leccionar era a mais indicada e mais ajustada.

#### 4.3.3 - Avaliação sumativa

Na conclusão de cada unidade didáctica, é feita uma avaliação sumativa que contempla a verificação da realização dos conteúdos abordados nas aulas, através de uma situação formal de avaliação.

Segundo Ribeiro (1999), a avaliação sumativa pretende ajuizar do progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações de tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino.

O principal objectivo deste tipo de avaliação é classificar os alunos de forma a confirmar o estado final de desenvolvimento dos seus conhecimentos, competências, capacidades e atitudes do aluno.

Para a avaliação ser realizada com sucesso, é fundamental criar e ajustar instrumentos ao nível dos alunos, onde exista coerência entre os conteúdos ensinados, os conteúdos avaliados e os objectivos de aprendizagem. De facto, só assim é possível verificar a sua evolução e reflectir sobre os resultados, assegurando uma intervenção de sucesso.

A avaliação dos alunos com Necessidades Educativas Especiais e dos alunos de Currículo Específico Individual apenas diferenciou na parte cognitiva dado que a nível motor nenhum apresentava qualquer limitação. Desta forma não achei

necessidade de criar um plano individual de formação, apenas fiz diferenciação nos testes de domínio cognitivo.

A avaliação sumativa é efectuada ao longo de toda a unidade didáctica, é contabilizada a assiduidade, pontualidade, a higiene corporal, o empenho e dedicação e claro a sua evolução psicomotora, portanto o dia em que avaliamos minuciosamente é “só” mais um momento de avaliação a juntar aos restantes.

Sabendo eu que a avaliação é sempre algo complexo, procurei avaliar os alunos da forma mais rigorosa possível, procurei avaliar segundo critérios específicos definidos previamente para não ser injusto.

#### 4.4 - Componente ético-profissional

Em relação a esta temática afirmo com total segurança que tentei sempre dar o melhor de mim procurando ter o máximo profissionalismo possível, sendo responsável, tentando evoluir e estando à disposição para o que fosse necessário, quer na ajuda a colegas quer na tentativa de compreensão e solução de problemas dos alunos.

Na leccionação das aulas estive sempre presente, e iniciei a preparação da mesma muito antes de os alunos chegarem, assumi um compromisso com a escola, com os meus colegas, com os professores orientadores, e principalmente comigo de dar o melhor que podia aos alunos. Esse melhor implicou muito estudo sobre a condução de aulas, progressões, transmissão de conteúdos e afectividade sem perder o bom senso.

#### 4.5 - Justificação das opções tomadas

O planeamento na educação física surge como um aspecto fundamental, pois dele depende todo um ano de trabalho que posteriormente pode ser colocado em causa.

Esta etapa permitiu-me orientar e organizar o meu trabalho na turma, no meu caso tendo esta tarefa facilitada pois o professor Joaquim Alves forneceu-me informações da turma e das suas vivências.

Através deste planeamento caracterizou-se a escola o meio envolvente o seus recursos, foram definidas matérias a leccionar, espaços, calendarização das aulas a leccionar em cada período e a rotatividade de espaços.

É importante referir que nesta fase do planeamento poucas escolhas tivemos, pois o departamento de educação física já havia definido estes itens.

No entanto este é um processo que é passível de alterações, como tal foi feito no início de qualquer modalidade uma avaliação diagnóstica, ponte de partida para iniciarmos a nossa leccionação tendo em conta o nível dos alunos e os objectivos a atingir de acordo com o Programa Nacional de Educação Física.

Seguidamente elaborei a extensão e sequência de conteúdos tendo em conta as aulas que tinha para abordar cada modalidade.

O plano de aula foi o derradeiro procedimento a ser efectuado, onde estava presente toda a informação necessária e pormenorizada sobre a aula, tentando assegurar qualquer eventualidade que pudesse vir a acontecer no decorrer da mesma.

O plano de aula foi pensado de forma a ser de fácil leitura e interpretação, sendo desta forma uma ferramenta pessoal de trabalho, podendo assumir diferentes estruturas, desde que as informações essenciais estivessem presentes.

No decorrer de cada aula foram utilizadas diversas estratégias desde a formação de grupos homogéneos a grupos heterógenos, estratégias em que utilizei alunos mais evoluídos com alunos menos evoluídos, estratégias de maior autonomia e menor autonomia por parte dos alunos, no entanto tive de ter alguma atenção na formação de grupos, pares, trios ou quadras, tentando assim evitar comportamentos de desvio.

No final de cada aula efectuei um relatório reflexivo sobre o que correu menos bem e o que poderia ser melhorado, comportamentos desviantes e o porquê de terem ocorrido, controlo e gestão do tempo e transições de exercícios. Neste capítulo todas as aulas descobria algo novo, que me ajudava a melhorar a fluidez da

aula, como por exemplo, nas transições definir muito bem como iriam ser feitas e dar instruções claras e precisas aos alunos, evitando assim percas de tempo desnecessárias.

Este foi um aspecto que me ajudou a melhorar aula após aula procurando assim rentabilizar ao máximo o tempo e não cometer tantas falhas.

Todo este processo finda com a avaliação sumativa onde é feita a síntese das metodologias aplicadas e principalmente se os alunos aprenderam ou não a nível psicomotor, cognitivo e cívico.

## 5 - Tema problema

O presente estudo insere-se no âmbito do estágio pedagógico do curso de Mestrado em Ensinos da Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundários da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra e faz parte integrante do relatório final de estágio.

Tem como objectivo o estudo de relações entre os elementos da turma B do 8º Ano.

O interesse e atracção das crianças umas pelas outras manifestam-se desde muito cedo, sendo normalmente mais alvo de atenções aquela criança que no grupo é mais velha ou mais activa. À medida que a criança avança em idade desenvolve as suas capacidades de autonomia corporal e começa a afirmar-se uma tendência para se dirigir para esta ou aquela criança, normalmente sempre a mesma.

Quando o meio relacional e material se mantém relativamente estável começam a definir-se relações interpessoais bem definidas, geralmente de natureza dual.

Com a autonomia dos deslocamentos, associada à exploração dos espaços próximos a relação começa a alargar-se a outros sendo neste momento que começamos a assistir à formação de grupos de acção, compostos por três ou quatro interlocutores ou parceiros, interagindo com os mesmos objectos ou nos mesmos espaços. Este processo de interacção é estruturante do grupo ou grupos de crianças que se conhecem e vivem nas mesmas condições.

Como tal decidimos aplicar um teste sociométrico à turma B do 8ºAno de escolaridade da Escola EB 2/3 Infante D. Pedro Buarcos, que tem sido um dos instrumentos adequado para estudar as relações de carácter interpessoal. Segundo Martin, G., o teste sociométrico serve para analisar a organização dos grupos sociais e as relações que se estabelecem dentro do grupo.

As técnicas de avaliação sociométricas visam estudar as características psicossociais dos grupos pela aplicação de testes, permitindo verificar, num momento preciso, a vida de um grupo. Por outras palavras, permitem uma "visão microscópica" da riqueza de relações interpessoais, grupais e inter-grupais,

proporcionando assim a descoberta de indicadores determinantes que garantam uma organização mais eficaz na intervenção pedagógica, centrada na animação de grupos.

O teste sociométrico é assim, um instrumento que analisa e mede as estruturas sociais através das relações humanas de carácter efectivo em grupos mais ou menos pequenos, de onde todos os componentes do grupo se conhecem e interagem entre si (Moreno, 1962; Clemente, 1992; Blanco, 1996) (Citado em Martim, G., s/d).

Todos nós concordamos que existem membros dentro de um grupo de quem mais se gosta. A preferência é um facto fundamental da vida humana, devendo ser pensado quando se trabalha numa organização social.

Tendo em conta que muitos professores têm dificuldades em discernir as relações interpessoais existentes entre os alunos de uma turma, e que por vezes fazem julgamentos errados dessas relações, poderão ter aqui um utensílio susceptível de fornecer preciosas indicações sobre a vida "íntima" do grupo/turma, bem como a posição social que cada elemento ocupa dentro do grupo.

Foi utilizado para o efeito, a aplicação do Teste Sociométrico, que usualmente se aplica para estudar as relações de simpatia (atração) e antipatia (rejeição) que definem a estrutura de grupos relativamente pequenos, e cujos elementos têm uma interacção muito frequente.

A vantagem de aplicar este teste passa pela sua plasticidade, pois pode ser aplicado pelo professor ou qualquer outro técnico que se relacione com grupos. No entanto, tal como a maioria dos testes, este também tem as suas limitações. Ele só dá informações acerca dos alunos e das relações entre estes, no grupo em que foi aplicado o teste.

Os resultados obtidos no grupo escolar não têm repercussões directas no comportamento dos alunos, quando integrados noutros grupos. Diz-nos quais são os melhores amigos do aluno, mas não nos diz o grau de profundidade do sentimento. Por fim, o teste também não revela nada acerca do comportamento social dos alunos, em particular.

Para o professor de Educação Física, torna-se fundamental a aplicação do teste sociométrico, já que conhecendo melhor as relações estabelecidas entre os elementos da turma, consegue organizar melhor grupos de trabalho, assim como, diminuir atritos entre elementos e melhorar as relações entre alunos. Por essa mesma razão um teste sociométrico foi aplicado na turma 8ºB, constituída por 16 alunos da escola EB 2/3 Infante D. Pedro, Buarcos.

### 5.1 – Objectivos do trabalho

O objectivo deste trabalho é estudar as relações interpessoais, de aceitação e recusa, dentro da turma do 8º B, pelo facto de ao longo das aulas ter verificado que alguns alunos não estariam eventualmente bem integrados na turma, sendo por vezes alvo de algumas atitudes menos correctas e também por me aperceber que alguns alunos conseguem influenciar a turma.

Segundo Cavasini e Osse (1984), o teste sociométrico consiste numa medida de comportamento social, sendo utilizada para dar um nível mais objectivo de relacionamento de um determinado grupo, que possui uma metodologia de pesquisa de estruturas sociais, obtida através da medida das rejeições e atracções existentes entre os membros de um mesmo grupo, determinando a situação de cada indivíduo dentro do mesmo.

Pretendemos com este trabalho obter uma resposta conclusiva desta hipótese.

### 5.2. - Metodologia

#### 5.2.1. – Amostra

A amostra deste estudo, foram os alunos do 8º Ano, turma B, da Escola EB 2/3 Infante D. Pedro, Buarcos.

Tal como referimos anteriormente, a turma é constituída por 16 alunos, sendo 8 do sexo masculino (50%) e 8 alunos do género feminino (50%), com idades que variam entre os 13 e os 14 anos.

A globalidade da turma vive no concelho da Figueira da Foz.

A maioria dos pais e/ou encarregados de educação afirmam manifestar preocupação e incentivar os seus educandos para a escola, no entanto não é habito reunirem habitualmente com o Director de Turma.

Relativamente ao agregado familiar, ele é constituído de acordo com os padrões tradicionais (pais e filhos), à excepção de alguns alunos.

A relação dos alunos com os seus pais é considerada pela maioria dos alunos muito boa e boa.

A grande maioria dos alunos diz conversar com os seus pais sobre diversos assuntos.

A maioria dos alunos tem residências que aparentemente oferecem as condições mínimas, possibilitando o seu sucesso escolar.

A maioria dos alunos afirma estudar na véspera dos testes.

As disciplinas que os alunos mais gostam é a Educação Física e a que menos gostam é o Português.

Os alunos da turma dormem na sua generalidade, em média 8h por dia.

Nesta turma existe uma particularidade, na aplicação deste teste não foram sempre os mesmos alunos a responder dado que houve dois alunos transferidos para outra escola o aluno nº5 e o aluno nº4, e a entrada na turma do aluno nº 19 e o nº 20.

O aluno nº5 não fez parte deste estudo pois foi transferido no final do primeiro período.

### 5.2.2 – Teste sociométrico

O teste sociométrico consiste simplesmente em pedir a cada membro de um grupo (uma turma neste caso) que indique as pessoas, com quem gostaria ou não gostaria de se associar numa dada situação.

O teste utilizado foi retirado de um artigo de Martín, Gema, “*Estudio de las relaciones interpersonales del equipo deportivo*”, e foi posteriormente aplicado ao 8ºB.

Este teste sociométrico é composto por quatro questões (Anexo I) em que se utiliza uma situação critério – *ida ao cinema* – em que é pedido ao aluno que indique três colegas com quem preferiam ou não, estar em cada uma das situações referidas nas questões.

Das quatro questões, duas referem-se a situações de preferência onde são pedidas ao aluno nomeações pela positiva, as outras duas referem-se a situações de rejeição.

No caso do teste aplicado as escolhas dos alunos restringiram-se sempre a três elementos. Com esta restrição, pretende-se que os alunos enumerem apenas os alunos que lhes são mais próximos ou mais afastados, e deste permitir uma análise mais específica das escolhas e rejeições dos vários alunos da turma.

De realçar apenas que, com a decisão de restringir a escolha a apenas três elementos corremos o risco de não podermos calcular todos os índices que se encontram ligados a estes testes. De qualquer modo, os índices mais importantes para a análise das relações da turma serão calculados e como tal, esta restrição leva-nos à obtenção de resultados mais concretos e com uma margem de erro nas seguintes tarefas:

- Elaboração do teste;
- Administração do teste em 2 momentos distintos;
- Tratamento dos dados;
- Análise dos dados.

### 5.3 – Apresentação de resultados

Os resultados são apresentados por pergunta, primeiro a matriz sociométrica seguindo-se o sociograma, relativos a cada questão do primeiro e do segundo momento de recolha.

A matriz sociométrica foi criada num quadro de dupla entrada, que permite dar a conhecer os resultados das preferências e das rejeições emitidas.

Nesse mesmo quadro identificou-se a reciprocidade das mesmas, ou seja, as preferências emitidas ou recebidas estão identificadas pelo símbolo +, enquanto as rejeições emitidas ou recebidas são identificadas pelo símbolo -.

A identificação da reciprocidade é definida através do símbolo de parentese, reciprocidade positiva (+), ou reciprocidade negativa (-).

A identificação da reciprocidade, na representação gráfica é identificada pela utilização de cor verde (escolha mútua), a cor preta indica a escolha do aluno sem reciprocidade.

Assim podemos logo identificar quais os alunos que mostram escolhas ou rejeições mútuas. Ao elaborar um sociograma de grupo e não individual, consegue-se apresentar todos os dados de todos os membros do grupo, permitindo ver de forma global as relações entre os vários membros da turma: quais os elementos mais e menos escolhidos, os elementos mais e menos excluídos, quais as escolhas recíprocas e subgrupos que possam existir dentro do grupo, quais os alunos mais isolados, quais os alunos que colhem mais popularidade, os que são negligenciados, ou seja é um ponto de partida para percebermos as relações existentes na turma.

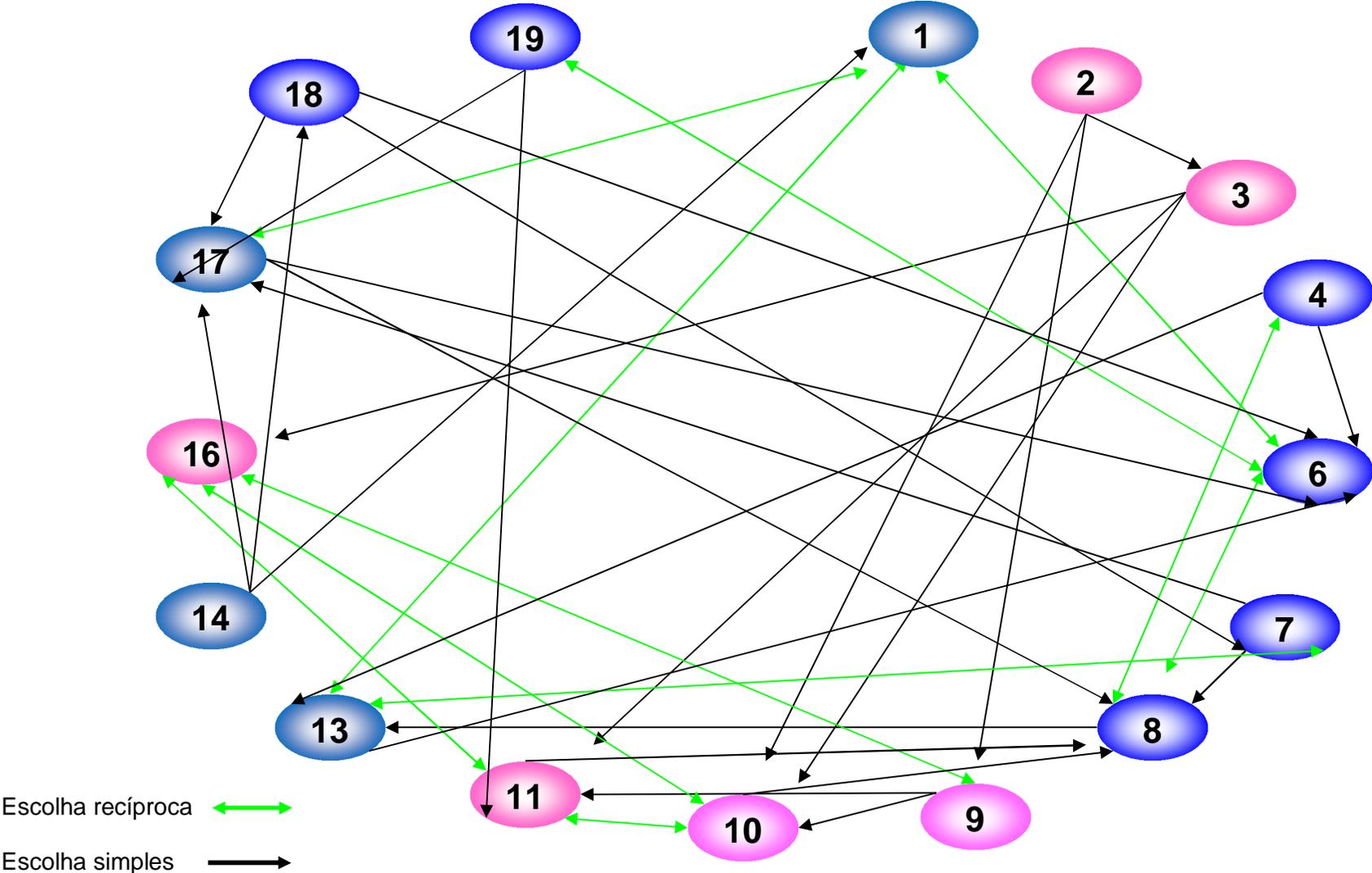
É de salientar que os números atribuídos nas matrizes, na representação gráfica bem como nas tabelas de cálculos estatísticos, correspondem aos números da turma dos vários alunos.

**Quadro 1 - Matriz Sociométrica da 1ª Questão - 1º Momento de recolha 11-01-13**

(Indica três colegas da tua turma que **escolherias** para irem contigo ao cinema?)

	1	2	3	4	6	7	8	9	10	11	13	14	16	17	18	19
1					(+)						(+)			(+)		
2			+					+	+							
3									+	+			+			
4					+		(+)				+					
6	(+)						(+)									+
7							+				(+)			+		
8				(+)	(+)						+					
9									+	+			(+)			
10							+			(+)			(+)			
11							+		(+)				(+)			
13	(+)				+	(+)										
14	+													+	+	
16								(+)	(+)	(+)						
17	(+)				+		+									
18					+	+								+		
19					(+)					+				+		

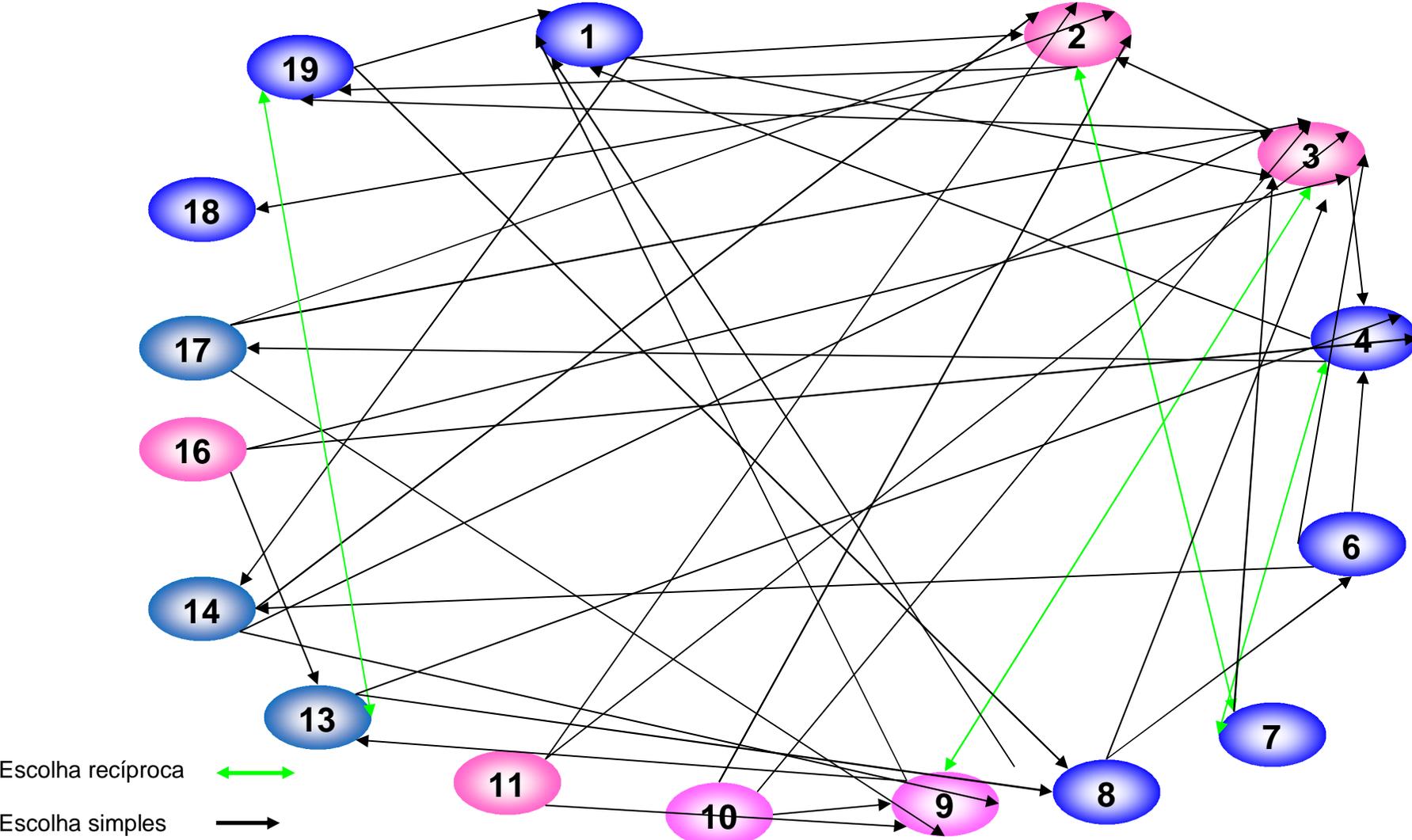
Gráfico 1 - Sociograma da Representação Gráfica – 1ª questão - 1º Momento de recolha 11-01-13



**Quadro 2 -Matriz Sociométrica da 2ª Questão - 1º Momento de recolha 11-01-13**  
*(Indica três colegas da tua turma que **tu não** escolherias para irem contigo ao cinema?)*

	1	2	3	4	6	7	8	9	10	11	13	14	16	17	18	19
1		-	-									-				
2						(-)									-	-
3		-						(-)								-
4	-					(-)								-		
6			-	-								-				
7		(-)	-	(-)												
8	-		-			-								-		
9	-		(-)								-					
10		-	-					-								
11		-	-					-								
13				-			-									(-)
14		-	-					-								
16			-	-							-					
17		-	-					-								
18	-						-				-					
19	-						-				(-)					

Gráfico 2 - Sociograma da Representação Gráfica - 2ª questão - 1º Momento de recolha 11-01-13

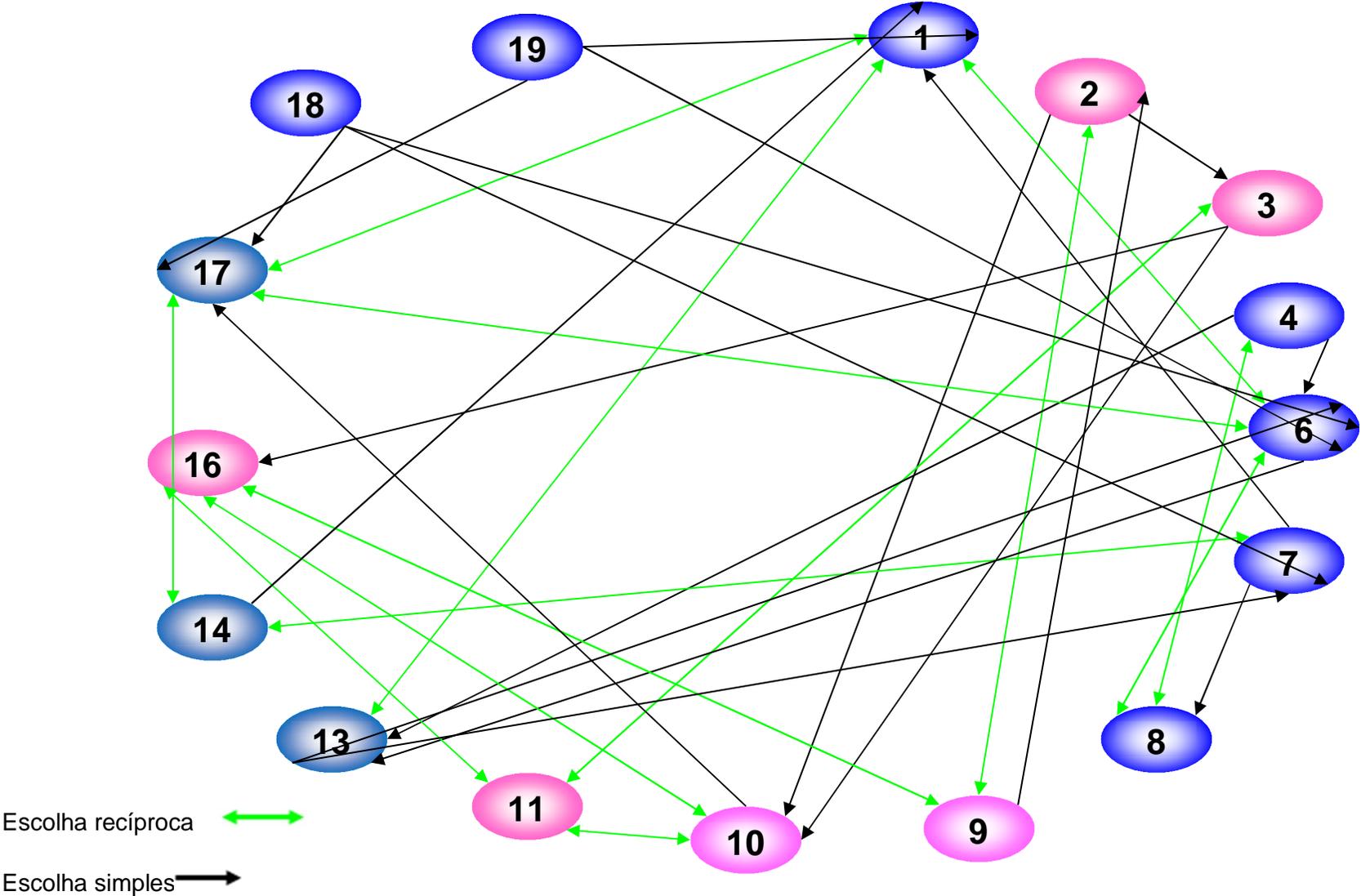


**Quadro 3 - Matriz Sociométrica da 3ª Questão - 1º Momento de recolha 11-01-13**

(Indica três colegas da tua turma que acredites **terem-te escolhido** para ires com eles ao cinema?)

	1	2	3	4	6	7	8	9	10	11	13	14	16	17	18	19
1					(+)						(+)			(+)		
2			+					(+)	+							
3									+	(+)			+			
4					+		(+)				+					
6	(+)						(+)							(+)		
7	+						+					(+)				
8				(+)	(+)						+					
9		(+)								+			(+)			
10										(+)			(+)	+		
11			(+)						(+)				(+)			
13	(+)				+	+										
14	+					(+)								(+)		
16								(+)	(+)	(+)						
17	(+)				(+)							(+)				
18					+	+								+		
19	+				+									+		

Gráfico 3 - Sociograma da Representação Gráfica – 3ª questão - 1º Momento de recolha 11-01-13

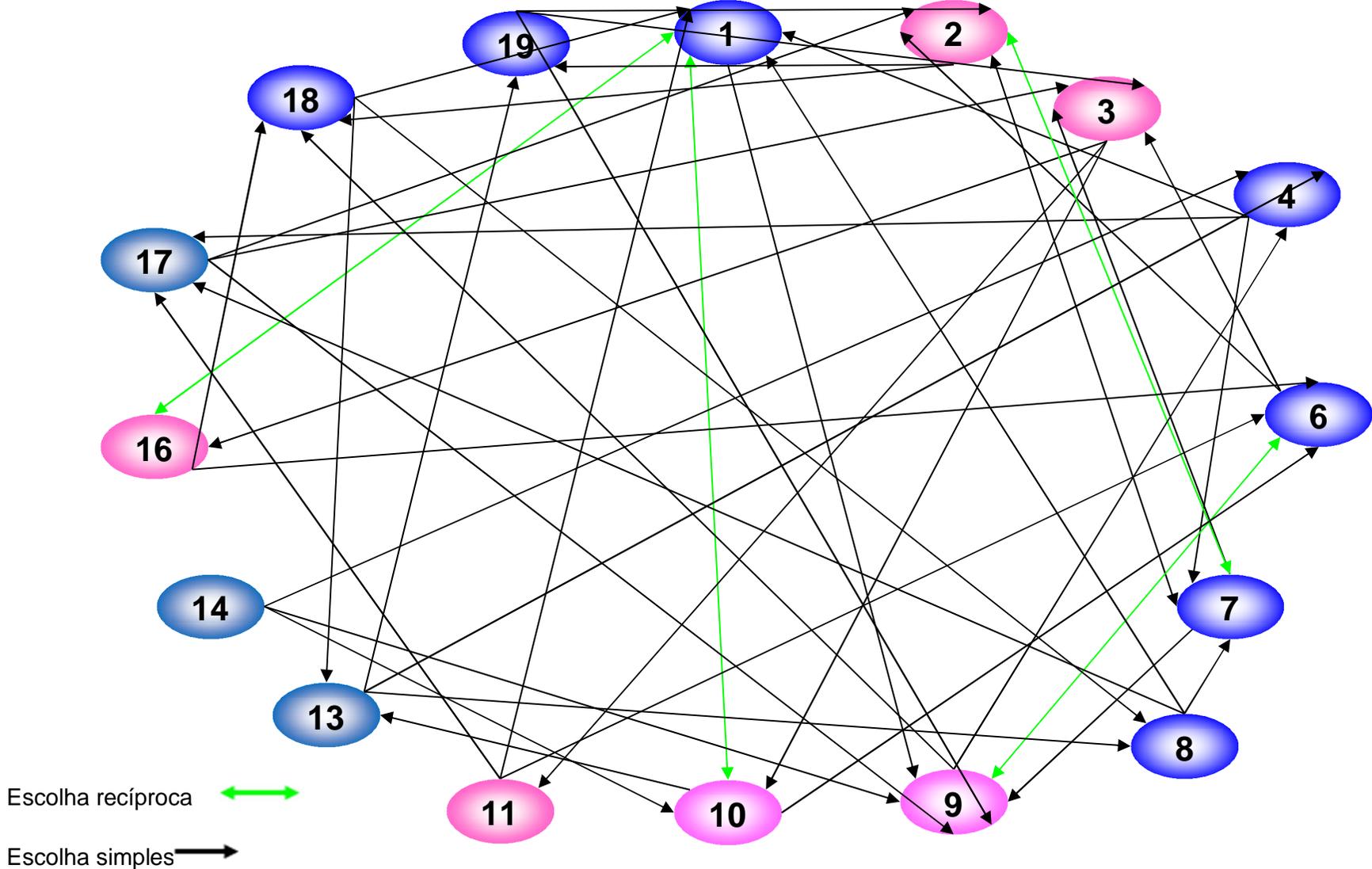


**Quadro 4 - Matriz Sociométrica da 4ª Questão – 1º Momento de recolha 11-01-13**

(Indica três colegas da tua turma que acredites **não te terem escolhido para ires com eles ao cinema?**)

	1	2	3	4	6	7	8	9	10	11	13	14	16	17	18	19
1								-	(-)				(-)			
2						(-)									-	-
3									-	-			-			
4	-					-								-		
6		-	-					(-)								
7		(-)	-					-								
8	-					-								-		
9				-	(-)										-	
10	(-)				-						-					
11	-				-									-		
13				-			-									-
14				-				-	-							
16	(-)				-										-	
17		-	-					-								
18	-						-				-					
19		-	-					-								

Gráfico 4 - Sociograma da Representação Gráfica – 4ª questão - 1º Momento de recolha 11-01-13

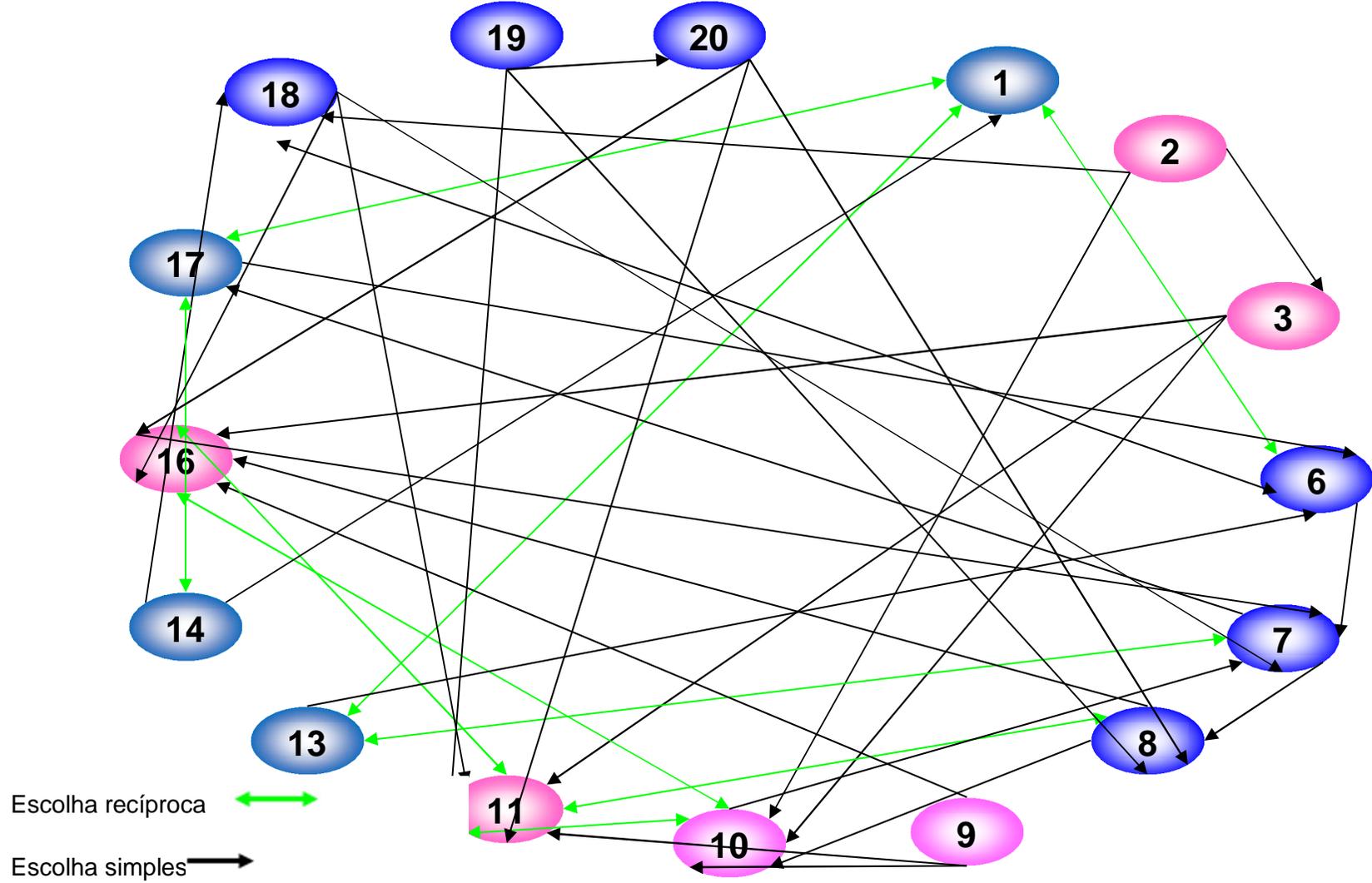


**Quadro 5 - Matriz Sociométrica da 1ª Questão - 2º Momento de recolha 29-04-13**

(Indica três colegas da tua turma que **escolherias** para irem contigo ao cinema?)

	1	2	3	6	7	8	9	10	11	13	14	16	17	18	19	20
1				(+)						(+)			(+)			
2			+					+						+		
3								+	+			+				
6	(+)				+								(+)			
7						+				(+)			+			
8								+	(+)			+				
9								+	+			+				
10					+				(+)			(+)				
11						(+)		(+)				(+)				
13	(+)			+	(+)											
14	+												(+)	+		
16					+			(+)	(+)							
17	(+)			+							(+)					
18					+				+			+				
19						+			+							+
20						+			+			+				

Gráfico 5 - Sociograma da Representação Gráfica – 1ª questão - 2º Momento de recolha 29-04-13

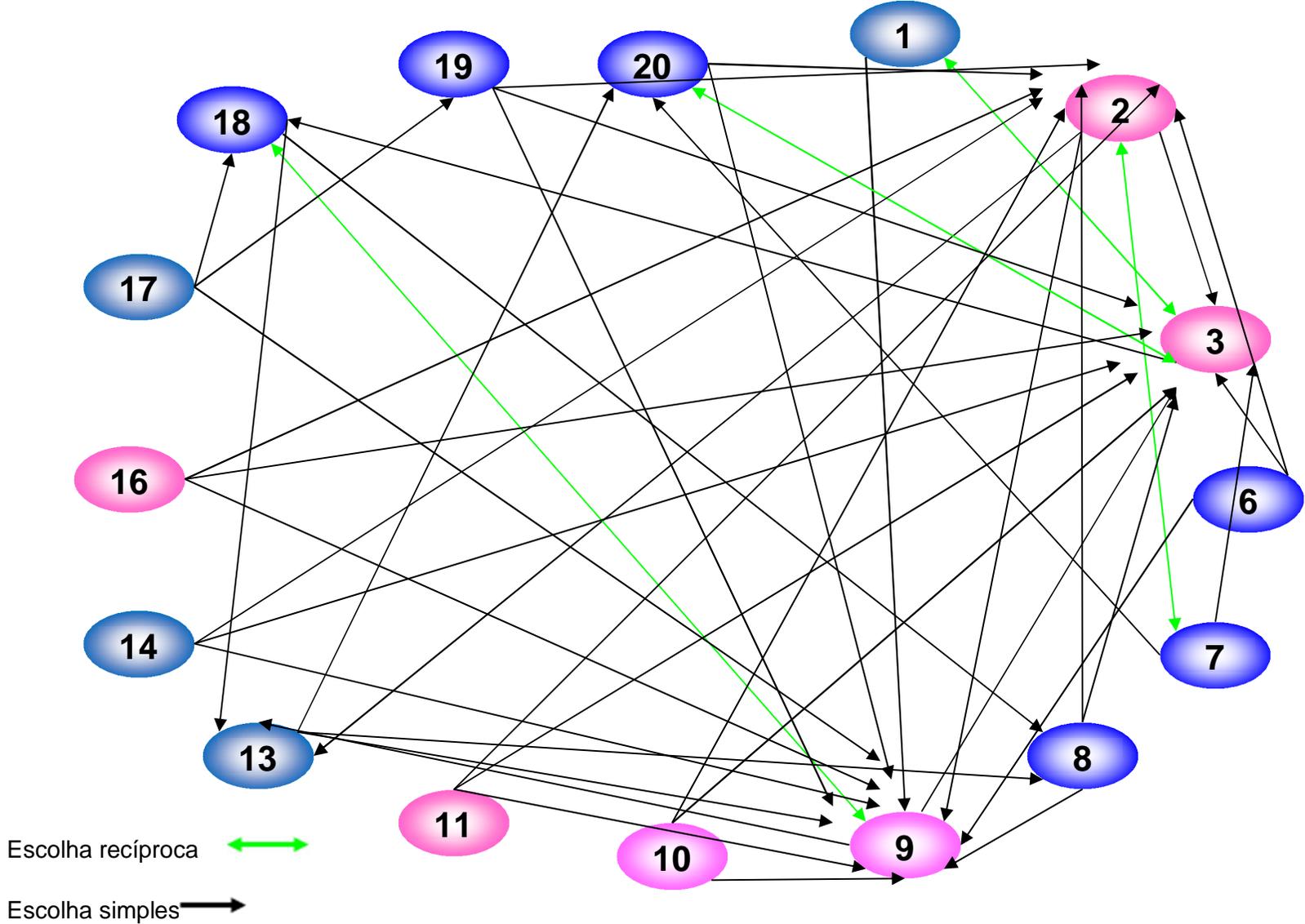


**Quadro 6 - Matriz Sociométrica da 2ª Questão - 2º Momento de recolha 29-04-13**

(Indica três colegas da tua turma que tu **não escolherias** para irem ao cinema?)

	1	2	3	6	7	8	9	10	11	13	14	16	17	18	19	20
1		-	(-)				-									
2					(-)		-			-						
3	(-)													-		(-)
6		-	-				-									
7		(-)	-													-
8		-	-				-									
9			-							-				(-)		
10		-	-				-									
11		-	-				-									
13						-									-	-
14		-	-				-									
16		-	-				-									
17							-							-	-	
18						-	(-)			-						
19		-	-				-									
20		-	(-)				-									

Gráfico 6 - Sociograma da Representação Gráfica – 2ª questão - 2º Momento de recolha 29-04-13



**Quadro 7 - Matriz Sociométrica da 3ª Questão - 2º Momento de recolha 29-04-13**

(Indica três colegas da tua turma que acredites **terem-te escolhido** para ires ao cinema?)

	1	2	3	6	7	8	9	10	11	13	14	16	17	18	19	20
1										(+)	(+)		(+)			
2									+			+				+
3								+	+			+				
6	+									(+)			(+)			
7						+				(+)				(+)		
8									+	+						(+)
9		+			+						+					
10							+		(+)			(+)				
11							+	(+)				(+)				
13	(+)			(+)	(+)											
14	(+)				+								(+)			
16							+	(+)	(+)							
17	(+)			(+)							(+)					
18					(+)							+	+			
19				+		+										+
20						(+)			+	+						

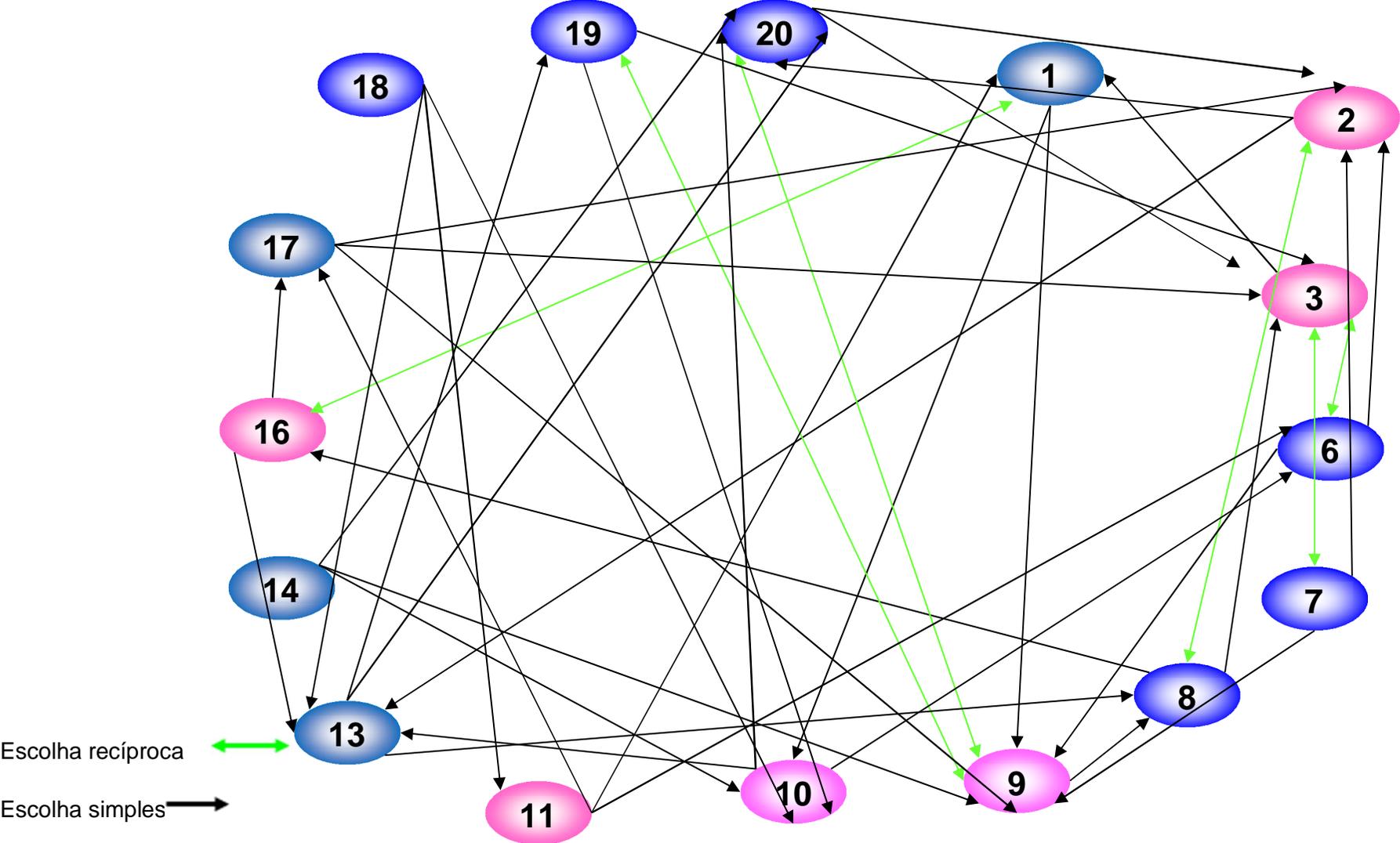


**Quadro 8 - Matriz Sociométrica da 4ª Questão - 2º Momento de recolha 29-04-13**

(Indica três colegas da tua turma que acredites que **não te** escolheriam para ires ao cinema?)

	1	2	3	6	7	8	9	10	11	13	14	16	17	18	19	20
1							-	-				(-)				
2						(-)				-					-	
3	-			(-)	(-)											
6		-	(-)				-									
7		-	(-)				-									
8		(-)	-									-				
9						-									(-)	(-)
10				-						-						-
11	-			-									-			
13						-									-	-
14							-	-								-
16	(-)									-			-			
17		-	-				-									
18								-	-	-						
19			-				(-)	-								
20		-	-				(-)									

Gráfico 8 - Sociograma da Representação Gráfica – 4ª questão - 2º Momento de recolha 29-04-13



## 5.4 – Análise de resultados

Neste tópico efectuaremos os cálculos indispensáveis com vista a demarcar os índices sociométricos. Estes permitem afirmar estatutos sociométricos com uma probabilidade de erro aceitável.

### 5. 4.1 - Índices individuais

#### Índice de Popularidade (atração)

Este índice dá-nos a conhecer a popularidade (atração) que os indivíduos possuem na turma.

O estudo desenvolvido foi baseado em dois momentos distintos, como tal em baixo está elaborada uma comparação, e é traçada a evolução da turma até ao momento.

No primeiro momento de recolha verificamos que o aluno que goza da maior popularidade na turma é o nº6 com um índice de 0,467 que corresponde a sete eleições, já o que colhe menos eleições portanto menos simpatia é o nº2 e o nº14 com zero eleições.

Relativamente ao segundo momento podemos verificar que houve uma alteração de popularidade, sendo que desta feita o aluno nº13 foi o mais solicitado com um índice de 0,533 correspondendo a oito eleições, já os alunos que gozam de menos simpatia são o nº2, nº9, nº19.

Verificamos que do primeiro momento de avaliação para o segundo momento o aluno nº6 teve uma quebra de popularidade e que o aluno nº13 teve um aumento de popularidade.

Em termos de perda de popularidade o aluno nº2 manteve-se sem eleições por parte dos colegas no entanto o aluno nº14 que não tinha tido eleições no primeiro momento obteve uma eleição no segundo momento. No entanto no segundo momento de avaliação o aluno nº9 e nº19 perderam popularidade não obtendo qualquer eleição.

Também verificamos que os índices de popularidade eram mais distribuídos na primeira avaliação e que passaram a ser mais concentrados na segunda avaliação centrando-se sobretudo nos alunos nº 13, nº16, nº11, nº10.

<p><b>I. Popularidade = <math>Se / (N-1)</math></b>          Se – N.º de eleições recebidas pelo sujeito          N – Numero de elementos do grupo</p>
--

1º Momento de recolha 11-01-13			2º Momento de recolha 29-04-13		
Alunos	Nº de eleições	Índice Popularidade	Alunos	Nº eleições	Índice de Popularidade
1	4	0,267	1	4	0,267
2	0	0	2	0	0
3	1	0,067	3	1	0,067
4	1	0,067	6	3	0,2
6	7	<b>0,467</b>	7	5	0,333
7	2	0,133	8	4	0,267
8	6	0,4	9	0	0
9	2	0,133	10	6	0,4
10	5	0,333	11	6	0,4
11	5	0,333	13	8	<b>0,533</b>
13	4	0,267	14	1	0,133
14	0	0	16	7	0,467
16	4	0,267	17	4	0,267
17	5	0,333	18	2	0,133
18	1	0,067	19	0	0
19	1	0,067	20	1	0,067

**Quadro 9** – Índices de simpatia do primeiro e segundo momentos de recolha

### Índice de Antipatia (rejeição)

Este índice dá-nos a conhecer o nível de antipatia (rejeição) de cada aluno na turma como podemos verificar na tabela em baixo.

No primeiro momento de recolha de dados os alunos que receberam maior número de rejeições foram o nº3 que obteve um índice de 0,6 com nove

rejeições, seguido do aluno nº2 com um índice de 0,467 com sete eleições. Já os alunos nº6, nº10, nº16 não obtiveram qualquer rejeição.

No segundo momento de recolha o aluno que obteve um maior número de rejeições continuou a ser o nº9 com um índice maior 0,8 equivalente a doze rejeições, seguido do nº3 com índice de 0,733 equivalente a onze rejeições, e do nº2 com índice de antipatia (rejeição) de 0,6 equivalente a nove eleições.

<p><b>I. Antipatia = <math>Sr / (N-1)</math></b>                  Sr – N.º de rejeições recebidas pelo sujeito                  N – Numero de elementos do grupo</p>
--

1º Momento de recolha 11-01-13			2º Momento de recolha 29-04-13		
Alunos	Nº de eleições	Índice Popularidade	Alunos	Nº eleições	Índice de Popularidade
1	5	0.333	1	1	0.067
2	7	0,467	2	9	0,6
3	9	0,6	3	11	0,733
4	5	0,333	6	0	0
6	0	0	7	1	0,067
7	3	0,2	8	2	0,133
8	3	0,2	9	12	<b>0,8</b>
9	5	0,333	10	0	0
10	0	0	11	0	0
11	1	0,067	13	3	0,2
13	3	0,2	14	0	0
14	2	0,133	16	0	0
16	0	0	17	0	0
17	2	0,133	18	3	0,2
18	1	0,067	19	2	0,133
19	3	0,2	20	3	0,2

**Quadro 10 - Índices de antipatia do primeiro e segundo momentos de recolha**

### Análise de percepção de escolhas

Nas duas últimas questões procuramos verificar se os elementos da turma percepcionavam quem os escolheria e quem não os escolheria de forma a medir a capacidade de perceber o seu estatuto social na turma.

Verificamos que no primeiro momento os alunos nº1, nº6, nº11, nº16 e nº17, são os que maior percepção têm das pessoas que os escolheram, já os alunos nº 2, nº3 e nº13 parecem ser aqueles que menos percepções têm das pessoas que os escolheram. Na questão sobre percepção de quem não os escolheu o aluno nº1 continua a ser o mais assertivo ao passo que neste campo os restantes alunos não estão muito certos das suas relações com os restantes elementos.

No segundo momento de recolha de informação, relativamente à terceira questão verificamos que o aluno nº1 continua a ser o mais assertivo sobre a percepção de quem o escolheu e é agora acompanhado também pelo nº13. Já os alunos com menor nível de percepção sobre as escolhas efectuadas parecem ser os alunos nº2, nº3, nº9, e o nº19.

Relativamente à quarta questão os alunos nº3 e nº9 parecem ser aqueles que são mais assertivos em relação aos alunos que não os escolheriam, os restantes alunos continuam a não ter grande noção sobre as escolhas do grupo.

## 5.5 – Considerações finais acerca do estudo sociométrico

Após a análise dos resultados, importa agora retirar as conclusões acerca do estado social da turma, os alunos que colhem mais antipatias e mais simpatias, atracção versus rejeição.

Podemos concluir que houve uma alteração ao longo do ano no padrão comportamental da turma, talvez por dois alunos terem sido transferidos para outra escola e também por dois alunos terem entrado nesta turma, um no início do 2º período e outro no início do 3º período.

Na primeira recolha de dados o aluno mais popular era sem dúvida o nº6 ao passo que na segunda recolha perdeu esse estatuto para o nº13, e foi ainda ultrapassado por sete alunos, verificamos ainda que os alunos nº7,8,10,11, 14 e 16 tiveram um aumento de popularidade reforçando assim o seu estatuto no grupo.

O aluno nº2 e nº14 não colheram qualquer registo de simpatia no primeiro momento, e no segundo momento o aluno nº2 manteve-se sem qualquer eleição aparecendo ainda nesta lista o aluno nº9 e o nº19.

Fazendo uma ponte sobre os índices de antipatia do primeiro momento de recolha de informação para o segundo momento verificamos que houve uma evolução nas antipatias, alguns alunos reforçaram o estatuto de mais rejeitados como o caso do aluno nº3 e nº2, no entanto surgem-nos resultados algo surpreendentes como o caso do aluno nº9 que passou a ser o líder dos alunos mais rejeitados com um índice elevadíssimo, a juntar a este caso apenas o aluno nº18 que aumentou o seu índice de antipatia em relação ao primeiro momento de recolha, de resto todos os alunos tiveram redução nos seus níveis de antipatia havendo mesmo vários alunos que não receberam qualquer eleição, nº14,16,17, 6, 10, 11.

Através dos resultados quer me parecer que o aluno nº14 parece um pouco distanciado da turma, apesar de não colher votos de antipatia no segundo momento, apenas recebeu um voto de simpatia no segundo momento e no primeiro não recebeu nenhum.

O aluno nº19 também parece não ser muito considerado pelos elementos da turma colhendo sempre votos de rejeição no primeiro, e no segundo momento, e apenas recolheu um voto de simpatia no primeiro momento e nenhum voto no segundo.

Os alunos nº2, nº3 e nº9 estão claramente fora das escolhas da turma, algo que é preocupante tal é o número de rejeições que abarcam.

Neste momento podemos considerar o aluno nº13 como um líder, sendo que os alunos nº16, 10 e 11 também reforçaram a posição no grupo sendo também considerados líderes.

Podemos portanto afirmar que os grupos circulam muito à volta dos alunos nº10, 11, 13 e 16. Podemos considerar que os alunos nº11 e nº17 acabam por ser pontes entre os restantes elementos da turma.

Podemos também concluir que o nível de percepção dos elementos que lhes são mais próximos ou dedicados é razoável, embora a percepção

daqueles que os podem excluir do seu leque de amigos lhes seja muito pouco perceptível como podemos constatar pelas escolhas recíprocas.

Este é um estudo bastante interessante que é sustentado por dois momentos distintos de recolha com um intervalo de cerca de mais de três meses de intervalo, e com alterações na composição do grupo, pontos que não podem deixar de ser considerados. Parece evidente pelos resultados que as relações dentro de um grupo podem ser facilmente alteradas, pois estão sujeitas a influências que podem alterar o sistema social existente.

A pertinência deste estudo, surge na construção de grupos de trabalho harmoniosos e que permitam a fluidez do trabalho nas aulas, e serve ainda de apoio aos docentes da turma no próximo ano lectivo.

#### 5.6 - Recomendações / Estratégias a adoptar

Através deste trabalho verifiquei a aceitação social de cada elemento no seio da turma, portanto este será um documento que os professores poderão levar em conta na formação de grupos, ordenamento das salas, e lugares escolhidos.

Nesta turma existem alunos que são geralmente rejeitados, no sentido de contrariar essa situação é importante que se formem grupos de trabalho que possam integrar estes alunos de uma forma progressiva, e em que comecem a ser aceites ou pelo menos de uma forma que não sejam excluídos.

Como tal a sugestão vai no sentido de se incluírem os alunos menos populares em grupos que possuam alunos que tenham alguma aceitação por parte de todos mas que não sejam ainda líderes, e mais tarde juntá-los também a alunos que sejam líderes e que não os tenham rejeitado, tendo sempre como objectivo a sua integração social na turma.

Nas tabelas seguintes apresento algumas possibilidades de formação de grupos de dois, três e quatro elementos. A sugestão desses números de elementos vai de encontro à formação de grupos que geralmente elaborava nas aulas de educação física.

ALUNOS	Grupos de 2 elementos	Grupos de 3 elementos	Grupos de 4 elementos
	Nº8 Nº7	Nº1 Nº17 Nº20	Nº20 Nº19 Nº16 Nº14
	Nº10 Nº11	Nº19 Nº18 Nº14	Nº2 Nº13 Nº17 Nº1
	Nº2 Nº3	Nº2 Nº3 Nº9 Nº16	Nº11 Nº18 Nº10 Nº6
	Nº6 Nº18	Nº8 Nº10 Nº11	Nº7 Nº9 Nº8 Nº3
	Nº1 Nº20	Nº6 Nº7 Nº13	
	Nº19 Nº17		
	Nº14 Nº13		
	Nº16 Nº9		

**Quadro 11** – Sugestão de grupos a formar

## 6 – Reflexão/Conclusão

A realização deste Estágio Pedagógico permitiu-me adquirir competências práticas que complementam os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo dos anos.

Depois da aquisição das noções e conceitos teóricos fundamentais, existiu a necessidade de experimentar a sua aplicação prática, no sentido de atribuir aos conceitos adquiridos o carácter utilitário que lhes era reconhecido.

O Núcleo de Estágio procurou actuar de forma colectiva, numa combinação facilitadora de troca de ideias, complementaridade de funções, de dinâmica e interactividade na realização das reflexões.

Este ano lectivo foi repleto de vivências positivas, sobretudo ao nível profissional que servirão de alavanca para o futuro. A oportunidade de poder exercer a função que sempre desejei desempenhar, e o simples facto de poder ter contribuído para a formação dos meus alunos, foi sem dúvida o que mais me marcou ao longo deste ano lectivo.

Esta experiência com a realidade de ensino foi repleta de momentos inesquecíveis. Desde o nervosismo inicial, o primeiro contacto com a minha turma, às aulas leccionadas ao longo do ano, à participação nas actividades, foram momentos de aprendizagem e de grande reflexão.

Ao longo deste ano, senti que me desenvolvi enquanto profissional a partir da minha intervenção no processo Ensino-Aprendizagem e na relação com a comunidade educativa, onde realmente me consegui aperceber do funcionamento de uma escola e de toda uma comunidade.

Fui percebendo que a tarefa do professor é muito mais do que apenas transmitir conhecimentos, não se resume ao ensinar os seus alunos. O professor deve interagir e envolver-se com toda a comunidade educativa, preocupando-se com o aluno, com o ser em si.

Em termos de cumprimento de objectivos, penso ter atingido as metas às quais me propus, tentando sempre dignificar a profissão docente e aceitando de bom agrado todas as tarefas designadas. No cumprimento destes objectivos tentei ainda obedecer aos planeamentos do Departamento de Educação Física, sempre com o intuito de fornecer qualidade ao processo de

ensino aprendizagem. Fizeram ainda parte das minhas funções como professor o apoio e colaboração nas actividades deste departamento, e também a presença e auxílio em reuniões da turma em que leccionei e do próprio Departamento de Educação Física.

A participação na organização de actividades escolares teve um contributo importante no meu crescimento, uma vez que possibilitou alargar o campo da intervenção pedagógica a outros contextos, bem como melhorar a minha capacidade pessoal e relacional com todos os intervenientes do processo educativo.

Outra vertente no estágio pedagógico que considero ter sido muito importante foi o facto de todas as semanas, reunirmos com o professor orientador de estágio em que debatíamos possíveis dificuldades, problemas que pudessem surgir ou que já tivessem ocorrido, soluções para esses problemas, estratégias a propor ou a adoptar, metodologias, pontos fortes e fracos, aspectos a corrigir, em suma um balanço e as respectivas orientações.

Realizei ainda um estudo sociométrico sobre a turma B do 8ºAno, bastante interessante do meu ponto de vista, pois deu-me a conhecer os líderes do grupo, as pessoas com mais dificuldades de integração no grupo, e os que poderiam ser a chave para a formação de grupos na aula de educação física. Este foi também um estudo facultado ao Director de Turma para que os restantes professores possam usufruir dele nas suas aulas, procurando assim evitar comportamentos desviantes e também perceber algumas dificuldades de alguns alunos.

Neste ano de estágio, adquiri saberes e competências necessárias ao exercício da profissão de professor. Considero que obtive um claro entendimento e domínio nas várias áreas do conhecimento da formação profissional e do planeamento. Alcancei ainda conhecimentos acerca do funcionamento da escola, bem como acerca da relação com a comunidade educativa. No entanto, embora tenha consciência de que adquiri várias competências pedagógicas e profissionais, tenho perfeita noção de que o meu percurso está muito longe de estar completo, penso até que esse percurso nunca termina.

Na vida de um professor, é indispensável o estudo, a actualização e o aprofundamento da nossa formação.

Este ano lectivo foi extremamente exigente e trabalhoso, no qual tentei fazer tudo o que estava ao meu alcance para que tudo decorresse de forma produtiva e enriquecedora. Foi um ano inesquecível, cheio de alegrias e dificuldades, com experiências únicas e muitas aprendizagens, preenchido de sensações, emoções e vivências que me transformaram, sobretudo ter conseguido cativar os meus alunos para a prática desportiva. Por entre algumas dificuldades encontradas, geram-se oportunidades para evoluir e de aprender algo novo, assumindo esses mesmos obstáculos como testes para reforçar as nossas potencialidades e superar limitações.

Foram desenvolvidos esforços para que, apesar da pressão inerente à realização de um Estágio Pedagógico e devido à falta de experiência, fosse possível propiciar a aquisição de conhecimento por parte dos alunos e do desenvolvimento de aptidões que possibilitassem a formação e transformação dos alunos.

A profissão docente não finaliza com a realização da formação académica, é algo que o professor constrói durante toda a sua vida, daí a importância de estar atento e acompanhar a evolução. Portanto, no futuro, considero que é fundamental continuar a investir na minha formação, nomeadamente no conhecimento de modalidades mais recentes, e estar aberto à inovação e evolução, de forma a manter uma constante actualização de conhecimentos.

No futuro, espero ter a oportunidade de poder voltar exercer a função que tanto me alicia e desejo, sendo que me resta continuar a trabalhar para realmente conseguir alcançar esta meta.

## 7 – Bibliografia

1. AIVAREZ, P. & Cajuda, M. & Magalhães, L. & Morais, T. (Agosto 2003). A escolha do capitão. *Treino Desportivo*, pág. 34-39
2. BAQUERO MIGUEL, G. Métodos e técnicas de orientação educacional. São Paulo, Loyola, 1975.
3. BASTIN, G. - As técnicas sociométricas, 2ª ed., Moraes Editores, Lisboa, 1980,pp 15-19].
4. BENTO, J. - Planeamento e Avaliação em Educação Física. Lisboa: Livros Horizonte, 1987.
5. BENTO, O. - Planeamento e avaliação em Educação Física. 3º Edição, Livros Horizonte, Lisboa, 2003.
6. CAVASINI, Sandra M.; OSSE, Cleuser M. C.; In: MATSUDO, Victor K. (org). *Testes em ciências do esporte*. 3ª ed. São Caetano do Sul, SP: CELAFISCS: 1984.
7. FOX. J. O essencial de Moreno: textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade. São Paulo: Ágora, 2002.
8. GOMES, P. & Matos, Z. Educação Física na Escola Primária. Vol II: Iniciação Desportiva, Edições da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Porto, 1992.

9. GOULART, Benedito D. *Estudo de um grupo de liderança comunitária: abordagem sociométrica*. 184f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 2006.
  
10. MARTÍN, G. (s/d.). *Estudio de las relaciones interpersonales del equipo deportivo*;
  
11. MORENO, J. L. (1992). Quem sobreviverá? (Vol.1: Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama. (A. R. de Farias, D. L. Rodrigues & M. A.
  
12. MORENO, J. L. (1994). Quem sobreviverá? (Vol.3). Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama. (D. L. Rodrigues & M. A. Kafuri, Trads.). Goiânia: Dimensão. (Original publicado em 1953).
  
13. MORENO J. L. *Psicodrama*. Rio de Janeiro: Cultrix, 1997.
  
14. NOBRE, P. - Documentos de Apoio da unidade curricular Avaliação Pedagógica em Educação Física. FCDEF. Coimbra, 2011.
  
15. Núcleo de Estágio de E.F. da Escola Básica 2/3 Dr. Pedrosa Veríssimo – Paião – Ano lectivo 2003/2004;
  
16. RIBEIRO, L. - Avaliação da Aprendizagem. Lisboa: Texto Editora, 1999.

17. ROSADO, A. (s/d). Planeamento da Educação Física: Modelos de Lecionação. Disponível em: [http://home.fmh.utl.pt/~arosado/Modelos20021\\_ficheiros/frame.htm](http://home.fmh.utl.pt/~arosado/Modelos20021_ficheiros/frame.htm). Acesso em 11-08-2012.

18. SIDENTOP, Daryl. Aprender a ensinar la Educación Física. 1ª Edição, INDE Publicaciones, 1998.

19. SILVA, L (sd.). Testes sociométricos: um útil instrumento de trabalho. *Revista Horizonte*, XIV, (80).

## 8 – Anexos

### Teste Sociométrico

Peço a tua colaboração para responder, com a maior sinceridade possível, às questões que a seguir apresento. Asseguro-te a máxima confidencialidade e anonimato nas tuas respostas.

Nome: _____	
Nº: _____	Data: __ / __ / __

1. Indica **três** colegas da tua turma que escolherias para irem contigo ao cinema.

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_

2. Indica **três** colegas da tua turma que tu **não** escolherias para irem contigo ao cinema.

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_

3. Indica **três** colegas da tua turma que acredites terem-te escolhido para ires com eles ao cinema.

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_

4. Indica **três** colegas da tua turma que acredites **não** te terem escolhido para ires com eles ao cinema.

1. \_\_\_\_\_

2. \_\_\_\_\_

3. \_\_\_\_\_

**Obrigado pela tua colaboração!**